

## Apresentação

Surgida há quase uma década, *A Palo Seco*, em seu primeiro número de 2009, integrou os textos originalmente concebidos para o “I Colóquio Filosofia e Literatura do GeFeLit” realizado em finais de 2008. Deste, participavam pesquisadores das duas esferas de conhecimento, que tinham em conta a superação da simples adição “e” para pensar a interface filosofia-literatura. Em meio às entreajudas acanhadas e aos rechãos mais inflamados provocados pela aproximação das duas esferas do conhecimento ao longo da história – ainda motivo de dissenso no início do século XXI – atualmente instala-se um certo apaziguamento (ou hiato, interrupção) nessa relação, abrandando a necessidade obsedante de legitimar essa interdisciplinaridade por meio de inúmeros estudos teóricos. Se nos primeiros anos *A Palo Seco* ocupou-se destes estudos, nos dias atuais a defesa incontestada da aproximação entre filosofia-literatura liberta-as no seu ir-e-vir.

Neste número 11/2018 da revista *A Palo Seco*: escritos de filosofia e literatura compõem, como acontece desde 2015, duas seções: os artigos que tematizam a interface filosofia e literatura e a segunda seção, dedicada às traduções. Estando em interação com o momento atual, nossa revista insere seus artigos nos debates recentes sobre política e ideologia ancorados em uma filosofia da linguagem, em uma filosofia política, em uma linguagem ideológica que se revela e esconde-se na rede complexa de simulações-simulacros e dissimulações no interior da literatura.

O primeiro artigo que abre este número intitula-se *Filosofia da linguagem e ideologia no Círculo de Bakhtin*, de autoria de Luiz Rosalvo da Costa. Encontraremos aí uma discussão sobre as imbricações de uma filosofia da linguagem, ou uma concepção da linguagem – seu caráter dialógico, defendido no contexto do “Círculo de Bakhtin” – com o fenômeno ideológico, em um ambiente intelectual (a recém-criada URSS) a que afluíam várias correntes teóricas, e entre elas, como esperado, e destacadamente, o marxismo. Frente a críticas como a de Sériot (um dos tradutores da obra para o francês), de que *Marxismo e Filosofia da linguagem*, do bakhtiniano Volóchinov, não seria nem marxista, nem dialógico, Costa nos lembra que os trabalhos do círculo refletem as “indagações no âmbito de uma filosofia da linguagem que se propõe marxista”, uma articulação que coloca em relação (digamos) dialética, o dialógico e o ideológico.

O artigo seguinte guarda um certo parentesco com o anterior, no cuidado do estudo entre a filosofia política e, se menos calcada diretamente na filosofia da linguagem – como o é o artigo anterior –, mais assentada em certos *topos* da obra literária, como a de Saramago. Após décadas de críticas às imperfeições da representação democrática, consubstanciadas nas propostas de democracia direta ou participativa, a filosofia política viu (re)nascer, nos anos 1980, um *representative turn*, reabrindo a possibilidade de se discutir modos representativos do exercício do poder. No artigo *The Representative Turn in Democratic Theory and Saramago’s Critique of Representation*, Gustavo H. Dalaqua propõe, à luz da virada representativa, uma visão (com ou sem trocadilho) de *Seeing*, de José Saramago (*Ensaio sobre a Lucidez*, em português), não como um manifesto da incompatibilidade entre representação e democracia, como aparece em leituras correntes da obra, mas uma reflexão sobre as condições em que democracia e representação são conciliáveis.

O terceiro artigo figurado neste número de *A Palo Seco*, apresentado por Clarice Loureiro e Carlos Japiassú, analisa o conto “O Espartilho”, do livro *A Estrutura da Bolha de Sabão*, de Lygia Fagundes Telles. Ele irá introduzir a história da indumentária trilhando caminhos da história da própria sociedade brasileira (mas passível dessa indumentária evocar outras, como a europeia). Em uma interdisciplinaridade penetrada também do domínio da História e da Antropologia, aparecem aportes teóricos da filosófica não-transcendente, a partir do século XX, com os textos de M. Foucault, precisamente o tema da sexualidade e suas relações com os poderes, tanto os tradicionais ou aqueles dispersos em qualquer relação social. O tema do espaço, em uma perspectiva filosófica, surge no artigo a partir de uma rápida revisitação do texto de G. Bachelard, objetivando uma discussão que pretende assinalar o espaço privilegiado – o da casa – como elemento incorporado na construção e no significado dessa narrativa.

Iasmim Santos Ferreira, em *A contaminação irônica na crônica machadiana: o velho Senado*, analisa a crônica “O Velho Senado”, de Machado de Assis, em uma visada histórica-estética que atravessa o período da Segunda República do Brasil. Apresenta a autora, em seu artigo, a influência dos recursos cômicos da tradição luciânica, que segue a sátira menipeia, arrematando-os com outros estudos sobre o assunto de outros domínios do conhecimento, tais como os da filosofia (Henri Bergson), da psicanálise (Sigmund Freud) para trazer à luz os procedimentos formais da literatura com os quais é construída a sátira de Machado – sobre o Senado, os políticos e a política no cenário brasileiro de 1860.

Fechamos a sessão de artigos com Machado e é ele também que abre nossa seção de tradução. A tradução de Fabian Piñeyro, em versão bilíngue português-espanhol de “O Parasita I” e o “Parasita II”, dá acesso ao leitor nativo de língua espanhola a essas duas crônicas. Inicialmente, a tradução foi feita por encomenda para um curso na Universidade de La Plata, conforme apresentação de Jacqueline Ramos que acompanha a tradução. Temos aqui, outro exemplo da influência da tradição luciânica nas crônicas de Machado, em que “o humor e a ironia na configuração de uma perspectiva cética” conjuga comicidade e filosofia. O tema do parasitismo de Luciano é retomado por Machado em cinco crônicas, publicadas na revista *O espelho*, em 1859: “O fanqueiro literário”, “Parasita I”, “Parasita II”, “O empregado público aposentado” e “O folhetinista”.

A seguir, no contexto da filosofia da linguagem, Beto Vianna propõe traduzir para o português “Linguistic approaches to philosophical problems”, de Alice Ambrose, publicado originalmente em 1952 na revista *The Journal of Philosophy*. Filósofa norte-americana da tradição analítica, Ambrose produziu intensamente na segunda metade do século XX. Estudando na Cambridge, Inglaterra, dos anos 1930, a autora integrou o reduzido círculo de discípulos para quem Wittgenstein ditou seus cadernos Azul e Marrom, presságios da virada epistemológica desse filósofo e, para muitos, de toda a filosofia da linguagem. No artigo, Ambrose examina diferentes abordagens linguísticas da filosofia, bem como a própria concepção (ou concepções) do afazer filosófico.

Encerramos nosso número com uma última tradução: um pequeno tratado de Plutarco, historiador e filósofo grego do séc. I, o ΠΕΡΙ ΤΥΧΗΣ, *Sobre a fortuna*, ou na versão romana *De Fortuna*, em que Luciene Lages Silva e Vladimir Gonçalves Lachance propõem uma versão do original grego para a língua portuguesa. A τύχη, *týche* (fortuna, sorte, acaso), atravessa a história grega, tendo sido tanto descrita como uma divindade – filha do deus Oceano e da deusa Tétis – quanto como um conceito filosófico na *Física* de Aristóteles, entre outros autores. No tratado, Plutarco exalta a prudência e a inteligência como principais virtudes a serem buscadas e se contrapõe a ideia de que a *týche* está vinculada ao destino, excluindo assim qualquer domínio do ser humano sobre a virtude e o vício.

Finalmente, agradecemos a todos que participaram deste número de nossa revista, notadamente aos autores e tradutores das contribuições deste número 11, aos membros do corpo editorial, aos pareceristas, aos editores e ao nosso programador, Júlio G. de Siqueira. Chamamos à leitura deste número e convidamos aqueles que trabalham nas esferas da filosofia e da literatura, assim como aqueles que se dedicam à tradução, a participarem de nossa revista.

Os editores  
Maria A.A. Macedo  
Luciene Lages Silva  
Beto Vianna